

## DOSSIÊ TEMÁTICO

TRÂNSITOS E CONEXÕES SAGRADAS, FEMINISTAS E MUSICAIS DE ABYA YALA ENTRE BRASIL E MÉXICO<sup>1</sup>Laila Rosa<sup>2</sup>

**Resumo:** São vários os caminhos das cosmologias sagradas dos orixás e entidades de jurema, dos seus rituais sagrados, das suas sonoridades, bem como, dos cantos medicina, os seres considerados divinos e as plantas de poder (*jurema*, *ahyuasca* e *peyote*), utilizadas em diversas tradições sagradas e xamânicas. Desde a perspectiva do conhecimento situado e corporificado pelas lentes das epistemologias feministas decoloniais de *Abya Yala* nasce o projeto “*encuentro con si misma*” como ação de ativismo musical feminista *em trânsito* entre Brasil e México. Deste ponto de partida bem amplo, seguimos também ao encontro das *muxes*, pessoas consideradas sagradas, que, na cultura zapoteca oaxaquenha, se definem “nem como homem, nem como mulher, simplesmente *muxe*” como referências mexicanas que, assim como as cosmologias e práticas inclusivas do candomblé e da jurema, despatriarcalizam as estruturas e os seus CISTemas (VERGUEIRO, 2016).

**Palavras-chave:** Candomblé e Jurema - Feminismos sonoros - Brasil-México - Muxes - Feminismos de Abya Yala

**Abstract:** There are several journeys from candomblé and jurema’s cosmologies, sacred rituals, how do they sound, as well as, the medicine chants, spirits regarded as Divine and the plants of power (*jurema*, *ahyuasca* and *peyote*), that are traditionally taken by people from several sacred traditions and xamanism. From the *Abya Yala* decolonial and feminist approach of situated knowledge emerges the “*Encuentro con si misma*” as a feminist ar(c)tivism in transit between Brazil and Mexico. From this large approach, we are also following the *muxes*’ steps, people regarding as sacred in Zapotec Mexican culture in Oaxaca, as mexican protagonists for depatriachying the Structures and its CISTem (VERGUEIR, 2016).

**Keywords:** Candomblé and Jurema - Sound Feminisms - Brazil-Mexico –Abya Yala Feminisms – Muxes -

<sup>1</sup> Este artigo é uma versão ampliada do artigo “Salve Jacira, protetora da jurema: caminhos sagrados dos feminismos” (ROSA, 2019).

<sup>2</sup> Cantora e compositora, artista feminista, Profa Dra da Escola de Música, Programa de Pós-Graduação em Música e Programa de Pós-Graduação em Estudos sobre Gênero, Mulheres e Feminismos da Universidade Federal da Bahia – UFBA, Pesquisadora do Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Mulher – NEIM/UFBA, coordenadora da Feminaria Musical: grupo de pesquisa e experimentos sonoros e integrante do Grupo de Investigaciones Feminismos de Abya Yala (México).

## Abrindo os trabalhos: *salve Jacira, protetora da jurema!*

*“Salve Jacira, protetora da jurema*

*Jacira é uma menina,*

*É uma cabocla de pena”*

*(ponto de jurema)*

Início este escrito feminista sagrado saudando Jacira, protetora da jurema e todas as entidades que cuidam deste sagrado caminho que nos convida a saudar e honrar o feminino em suas múltiplas faces. Neste canto ou ponto cantado de jurema, que pode ser acompanhado pelo padrão rítmico do coco, substituiu-se o nome Jacira por nomes de entidades femininas e masculinas para que todas/os sejam devidamente saudadas/os, sem hierarquias de gênero. Permissão, bençãos e *bençãos* às guianças ancestrais peço ainda, para dar o primeiro passo.

Jurema é um termo polissêmico: o nome da árvore sagrada, a bebida sagrada, a cidade/reino dos encantados e o nome da cabocla. Já no candomblé, são os orixás femininos e masculinos, deusas e deuses africanos, que formam o seu panteão sagrado tão complexo. Costumo dizer que aprendi no candomblé e na jurema a 1. Cromoterapia – cores diversas, cada entidade/orixá possui suas cores de preferência, cada dia se veste cores específicas; 2. Gastronomia – as comidas sagradas ofertadas às entidades espirituais e orixás; 3. Aromaterapia – banho de folhas, perfume de alfazema, etc; 4. Fitoterapia e Farmacologia- uso das ervas; 5. Moda e estética, roupas, adereços, penteados, símbolos, decorações, etc.; 6. Dança e performances –coreografia, tipos de voz, sotaques, gestuais e corporalidades específicas ou compartilhadas pelas entidades e orixás; 6. Musicologia e musicoterapia - repertório musical que pode ser também individual ou coletivo, formando um complexo sistema musical que narra as identidades e trajetórias materializadas pela dança e corporalidades: na parte da jurema são as meninas caboclinhas que pulam e brincam, as sensuais e poderosas mestras e pombagiras giram suas saias coloridas e/ou vermelhas, as anciãs vovós pretas-velhas se agacham no seu banquinho benzendo, rezando e defumando; na parte do candomblé, Yemanjá embala as águas do mar, Oxum dança com seu abebé sagrado, espelho onde mira sua beleza, Ogum guerreira, Yansã corta o mal com sua espada e espanta os espíritos ancestrais dos eguns, Obá esconde sua orelha cortada, Oxalá é um ancião, assim como Obaluaê ou Omolu, e assim por diante. Cada gesto materializa sua personalidade e mitologia.

Situando no tempo, estamos há dez anos após ter “parido” a tese sobre “As juremeiras da nação Xambá (Olinda, PE): músicas, performances, representações de feminino e relações de gênero na jurema sagrada” (2009). Nesta jornada, tive a vida completamente transformada e atravessada pelas religiões de matrizes africanas, o xangô pernambucano, o candomblé baiano de nação Ketu e a jurema sagrada, desde 1999, quando pisei pela primeira vez no Quilombo Portão do Gelo, em Peixinhos, como também é conhecida a região histórica onde fica localizado o Terreiro, tombado em 2006 como Quilombo Urbano. Ali aprendi sobre feminismos sagrados pelas lentes do feminismo negro, que, como destacam Luiza Bairros (1995), Sueli Carneiro (1994) e Helena Theodoro (1996), reformulam a própria história dos feminismos e das religiões através dos protagonismos das mulheres negras, caso das Iyalorixás/Mães-de-santo matriarcas deste terreiro: Maria das Dores da Silva, Maria Oyá (1900-1939) e Severina Paraíso da Silva, Mãe Biu (1915-1993).

Ambas as Iyalorixás foram lideranças espirituais e políticas que, através das suas práticas religiosas, enfrentaram as ditaduras do Estado Novo de Getúlio Vargas (1937-1946, 1951-1954) e a Ditadura militar (1964-1985) que, através do seu racismo e sexismo institucionais, perseguiram as comunidades de terreiro, fechando casas, apreendendo objetos e

instrumentos sagrados, prendendo e/ou internando suas lideranças religiosas, a maioria de mulheres negras, em clínicas psiquiátricas, além do “racismo nosso de cada dia” marcado pelos preconceitos às religiões de matrizes africanas e afro-indígenas como “macumba”, “baixa magia” e “bruxaria”<sup>3</sup>, no mínimo, que ainda hoje refletem a violência e a intolerância religiosa no Brasil, sobretudo das igrejas pentecostais que, em grande parte, proferem ataques acirrados e violentos.

No Brasil temos acompanhado, não de maneira passiva, uma verdadeira plataforma de guerra contra a diversidade humana, os feminismos, as lutas dos povos tradicionais de terreiro, das mulheres negras, povos indígenas e LGBTQ+, as questões de classe e dos direitos trabalhistas, dentre outros. Torna-se mais e mais importante trazermos estes temas, corporalidades, reXistências, sonoridades dissidentes para nos fortalecermos diante das violências e invisibilizações que seguem materializadas pelos (trans)femicídios<sup>4</sup>.

Compartilho este texto como uma reflexão sobre estas várias questões que se entrelaçam no meu caminhar e de outras/os tantas, como mais uma ferramenta, que é musical, de enfrentamento pelo caminho da saúde, do bem-viver, do sagrado e do amor, pois, de outra maneira não podemos seguir. Nos caminhos que estão por vir, serão apresentadas jornadas e trânsitos nada neutros, entre cosmologias e sonoridades da sagrada jurema e do candomblé ao xamanismo no México, as plantas de poder e as *muxes* de Oaxaca, tudo isso numa composição contínua deste *encuentro con si misma*, que, ao partilhar com outras tantas, manifesto comigo mesma como ação sanadora e ativista feminista de conexão de alma pelo sonoro de onde brota uma nova investigação, de maneira integrada, como produção de conhecimento sobre criação sonora de mulheres no Brasil e no México. São todas jornadas que elaboram caminhos dos sagrados feminismos sonoros que tecem possíveis conexões entre ambos os países. Seja bem-vinde!

### ***México Mágico e femininos no plural***

*“Donde está la lucecita que te dimos?(...)”*

*Llévala y conviértela en rabia, en coraje,  
en decisión, llévala y júntala con otras  
luces (...).”<sup>5</sup>*

<sup>3</sup> Abordei esta questão da perseguição política aos terreiros e suas lideranças, em sua maioria de mulheres negras ou as “donas de uma ciência ilegítima”, como um projeto racista e sexista, eugenista do Estado brasileiro, análogo à perseguição às bruxas medievais pela inquisição (ROSA, 2009).

<sup>4</sup> Neste mês de julho a UNILAB, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira teve o edital que ofertava vagas ociosas para estudantes trans e intersexuais cancelado pelo Governo Federal, numa assumida ação transfóbica já denunciada pela ANTRA, Associação Nacional de Travestis e Transexuais em sua página.

Disponível

em:

<https://www.facebook.com/antrabrasil/videos/2350185331709034/UzpfSTUyNTM5MTM2ODoxMDE1NzQyNDcwNjA0NjM2OQ/> E por parte da própria UNILAB em “CARTA ABERTA EM DEFESA DO EDITAL Nº 29/2019, DE 09 DE JULHO DE 2019 PROCESSO SELETIVO ESPECÍFICO PARA PESSOAS TRANSGÊNERAS E INTERSEXUAIS.”

Disponível

em:

<https://www.facebook.com/andreia.moassab/posts/2292338374153916>

<sup>5</sup> “Donde está la lucecita que te dimos? É a convocatória do *Encuentro Nacional y internacional Mujeres que Luchan, no México*.

Atualmente me encontro vivendo no México, país de tantos *pueblos magicos* com os saberes tradicionais e protagonismos das abuelitas e abuelitos e, paradoxalmente, para que não soe idealização para turista ver, terra de tantas questões atuais/antigas como o (trans)femicídio fruto do heterocispatriarcado que nos extermina todos os dias de maneiras diversas, o etnocídio capitalista e neocolonial movido pelo racismo e pelos megaprojetos que desrespeitam vidas, territórios e saberes dos povos originários e negros, dentre outras questões que, assim como no Brasil, vêm sendo denunciadas pelas mulheres negras e indígenas como as zapatistas durante o *I Encuentro Mujeres que Luchan*, em Chiapas<sup>6</sup> e, em Brasília, a *I Marcha das Mulheres Negras contra o racismo e a violência e pelo bem viver*.<sup>7</sup>

No contexto mexicano, autoras como Marcela Lagarde (2004), Rita Laura Segato (2016) e Mariana Berlanga Gayón (2018) abordaram o tema do feminicídio com profundidade e engajamento. No Brasil, Cecília Sardenberg e Marcia Tavares (2016) são importantes referências sobre violência de gênero, enquanto Berenice Bento (2014) e Viviane Vergueiro (2016) trazem valiosas contribuições a respeito do transfeminicídio e da cisgeneridade como norma produtora de violência. Todas vêm se debruçando sobre o tema e tenho me inspirado nos escritos destas, obviamente considerando minhas próprias vivências e todos os aprendizados com os quais tive a oportunidade e honra de receber no contexto sagrado das religiões de matrizes africanas, no caso, o Candomblé, e de matrizes indígenas, a jurema sagrada, para me arriscar escrever também sobre o tema em termos de materialidade sonora<sup>8</sup>.

Parto da premissa de que o sonoro e o musical são a própria materialização de toda a estrutura social estabelecida. Antes do sonoro existe o corpo. Este corpo é histórico, político e atravessado pelos marcadores sociais da diferença, tais quais, identidade de gênero, étnico-racial, classe social, geração, nacionalidade, regionalidade, religião e mais uma infinidade de

<sup>6</sup> O I Encontro foi realizado no Caracol Morelia localizado no município de Altamirano, território histórico de Chiapas conhecido internacional pelo movimiento zapatista. Tive a oportunidade de participar dos dois encontros seguintes, realizados na Cidade do México em novembro de 2018 e março de 2019, que seguem com a mesma pauta de apoio às mulheres e toda comunidade zapatista. Uma experiência super rica que venho discutindo num outro artigo em colaboração com a feminista lésbica peruana Norma Mogrovejo, professora da Universidad Autónoma de la Ciudad de Mexico. *Disponível em:*

<http://www.lr21.com.uy/mujeres/1362125-primer-encuentro-internacional-mujeres-zapatistas-mexico-mundo-ezln>

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.geledes.org.br/manifesto-da-marcha-das-mulheres-negras-2015-contra-o-racismo-e-violencia-e-pelo-bem-viver/>

<sup>8</sup> Como no artigo “Música e violência: narrativas do divino e feminicídio” (ROSA, 2016) e, mais recentemente, poéticas sonoras de dissidências e “reXistências”: os (trans)femicídios e racismos epistêmicos e musicais no Brasil” (ROSA, 2018).

atravessamentos que produzem desigualdades sociorraciais e de gênero cotidianamente.<sup>9</sup> Portanto, inclui o tema das violências de gênero e do racismo e do etnocídio.

Na minha jornada caminhante mexicana, esboço as primeiras linhas deste texto dentro de um ônibus a caminho da cidade de Puebla, Estado de Puebla. Estou aqui no México há alguns meses realizando pós-doutorado e residência artística, projeto adiado por alguns anos desde o término do doutorado, em 2009. De lá para cá, percebi que os caminhos sagrados da jurema e do candomblé, religiões de matrizes africanas e indígenas do Nordeste do Brasil,<sup>10</sup> me conduziram também ao caminho sagrado do xamanismo mexicano, onde sigo uma jornada de integração destes saberes cosmológicos e sonoro-musicais de *Abya Yala*.<sup>11</sup> Dez anos depois, tudo faz muito sentido e, por esta razão, escolho escrever sobre este tema novamente, reconhecendo a integração de todas estas experiências e aprendizagens ao longo destes anos.

Desde então, muitas “fichas” caíram sobre a minha ligação espiritual com potência ancestral das mulheres negras e afro-indígenas, protagonistas destas religiões e, é claro, das *Iyabás*, como são chamados os orixás femininos do candomblé: Nanã, Yansã ou Oyá, Obá, Ewá, Oxum e Yemanjá, cada uma relacionada a diferentes forças da natureza e arquétipos do sagrado feminino ancestral africano: a anciã/avó, a rainha dos eguns (mortos), a guerreira, a jovem donzela das matas, a deusa da beleza, fertilidade, sensualidade e abundância e a mãe, respectivamente, em termos bem gerais. Também das entidades femininas da Jurema sagrada como referências heterogêneas de poder: caboclas, mestras, pretas-velhas, ciganas e pombagiras são arquétipos das meninas e indígenas anciãs, das jovens, sensuais e sexualmente experientes mestras, das vovós africanas e da “exu fêmea”, aspecto feminino da energia vibrante e, por vezes densa do mensageiro Exu. As entidades espirituais da jurema vivem nas florestas, nas matas, nas águas e no reino do Juremá, além daquelas desencarnadas que “retornam” para trabalhar espiritualmente, como parte de seu processo evolutivo.

Já vivendo em Salvador, desde 2003, pude conhecer também um pouco sobre o poderoso universo daquelas que não se pode pronunciar o nome, as deusas dos pássaros da

<sup>9</sup> Thalita Couto Moreira aborda, de maneira pioneira, o tema da materialidade musical e dos estudos de gênero e música no Brasil (2012).

<sup>10</sup> Atualmente presente em todo o país. Recentemente foi publicado dossiê sobre a Jurema no Brasil, tema ainda invisibilizado. [https://revistasenso.com.br/edicao-11-jurema-sagrada/?fbclid=IwAR3Rj81-cG7u5rkHgHLcA8oDi3zdC4-akI\\_kkmytV3dar6eSemBWiEDZ3qE](https://revistasenso.com.br/edicao-11-jurema-sagrada/?fbclid=IwAR3Rj81-cG7u5rkHgHLcA8oDi3zdC4-akI_kkmytV3dar6eSemBWiEDZ3qE)

<sup>11</sup> Com diferentes perspectivas, Lorena Cabnal (2010), feminista comunitária guatemalteca, indígena de etnia Mayaxinka, Guatemala e Francesca Gargallo Celentani (2012), feminista italiana radicada no México, abordam os Feminismos de Abya Yala como caminhos decoloniais de saberes e práticas feministas de mulheres do período pré-hispânico até hoje.

noite, as *Iyamí Osòrongá*, energias de destruição e renascimento (MOURA, 1994), uma face das sombras do feminino negada pela lógica judaico-cristã patriarcal. Todas estas faces do feminino nos dão a rica possibilidade de ampliarmos nosso leque sobre o sagrado feminino seja em termos arquetípicos e espirituais, seja na materialidade da diversidade humana que ali é acolhida e que compõe uma comunidade majoritariamente feminina negra, afro-indígena e LGBT+. Tais arquétipos estão para além da dualidade santa x puta na perspectiva do cristianismo entre Maria Mãe e Maria Madalena...

No Terreiro Xambá aprendi ainda sobre os diferentes “lados espirituais” da direita (orixá) e da esquerda (entidades da jurema) e que, embora ambos os lados não se “misturem”, transitamos entre ambos, que são essenciais para manifestarmos nosso equilíbrio em todos os níveis. Aqui estamos dentro de práticas religiosas ancestrais em contexto urbano – Olinda (PE) e redondezas, onde realizei pesquisa de campo por vários anos, sendo também pernambucana, criada no bairro de Casa Amarela, periferia de Recife, região próxima à Beberibe e Peixinhos, onde fica localizado o Terreiro Xambá (Quilombo Portão do Gelo, divisa entre Beberibe e Peixinhos, Olinda).

### *Encuentro con si misma e os sagrados feminismos sonoros*

*“Este es un encuentro, un círculo de mujeres para compartir vivencias por la nuestra música más íntima y ancestral desde otro lugar, el lugar que elegimos para co-crear sonidos de la alma desde nuestros sagrados, históricos y políticos cuerpos y voces.”<sup>12</sup>*

Os caminhos que chamo de “sagrados feminismos sonoros” de matrizes africanas e indígenas no Brasil apresentam uma riqueza traduzida por diversas formas ser, cantar e significar a vida. Tanto do candomblé, como na jurema sagrada, cada orixá ou entidade espiritual possui seu próprio repertório musical e acompanhamento instrumental com trio de

<sup>12</sup> Texto de divulgação/convocatória do taller “El encuentro sagrado con si misma: *mujeres, cuerpo, voz y experimentaciones sonoras desde otro lugar*”, de minha autoria.

atabaques<sup>13</sup> e gã (candomblé Ketu) ou ingomes<sup>14</sup>, agogô e abê (Xambá) ou ilús<sup>15</sup> com maracás, agogô e voz e(jurema). No universo dos orixás se canta em Yorubá arcaico, enquanto que, na jurema, se canta em português, com sotaques dos mais diferenciados, a depender da entidade espiritual, visto que as entidades também “trazem” seus cantos, cantando para conhecimento da comunidade espiritual, muitas vezes narrando suas histórias de vida, origem, identidade étnico-racial, trabalho, morte, afeto, sexualidade, episódios de violência, etc. (ROSA, 2009). Estas sonoridades de vozes, corpos, instrumentos, etc., embalam as coreografias, corporalidades e afetos de cada entidade espiritual e também do povo-de-santo. Estas materializam saberes desde o sagrado ao corpo físico, compondo epistemologias decoloniais ou o que Lélia Gonzalez chamou de “amefricanidade” (1988b), conceito amplo e decolonial que, assim como *Abya Yala*, considera experiências e saberes africanos na América Latina.<sup>16</sup>

O intento aqui é partilhar pontos em comum, onde ambos os contextos, do candomblé e da jurema, consolidam práticas e saberes ancestrais decoloniais, representando espaços que, ao curar a alma, seguem também sendo revolucionários em tempos de golpe, retrocessos políticos, de caça às bruxas, misoginia, (trans)feminicídio, racismo, LGBT+-fobia. São tempos também de se proteger de um “Jesus” armado com uma metralhadora apontada para a sociedade.<sup>17</sup>

Neste sentido, sigo abordando este tema com todo amor e respeito já há vários anos, pensando nestas experiências religiosas, que também me atravessam enquanto filha de Yemanjá Ogunté, integração da mãe de todos os peixes com o guerreiro Ogum. Sigo referenciando as tradições de matrizes africanas e indígenas, no caso específico do candomblé e da jurema, como espaços que são, ao mesmo tempo, sagrados e políticos.<sup>18</sup>

<sup>13</sup> Me refiro aqui à tradição Ketu, o trio de atabaques, *rum*, *rumpi* e *lé* (do mais grave ao mais agudo). Exceto pelo rum que é solista, os demais normalmente são percutidos indiretamente com as baquetas chamadas de *aguidavi*.

<sup>14</sup> Tambores tradicionais da nação Angola, inhã, melê e melê ancó (do mais grave ao mais agudo) que também foram apropriados pelo Terreiro Xambá.

<sup>15</sup> Tambores tradicionais da jurema, podem estar presentes em duo ou trio, são percutidos diretamente com as mãos.

<sup>16</sup> Sobretudo, na construção da sociedade brasileira, embora grande parte do seu racismo estrutural não os reconheça.

<sup>17</sup> Viralizou pelas redes sociais a foto do então presidente Jair Bolsonaro na Marcha de Jesus com camisa com nome de Jesus e fazendo o gesto de que porta uma metralhadora nas mãos, fazendo propaganda do projeto do seu governo de liberação do porte de armas no Brasil. [https://www.google.com/search?q=bolsonaro+camisa+de+jesus+e+armas&tbm=isch&source=univ&sa=X&ved=2ahUKEwjI2r3m0pzjAhWxKX0KHdvFCnQQsAR6BAgGEAE&cshid=1562290903040247&biw=1260&bih=604#imgrc=2Ejy\\_YdGOTTtxM](https://www.google.com/search?q=bolsonaro+camisa+de+jesus+e+armas&tbm=isch&source=univ&sa=X&ved=2ahUKEwjI2r3m0pzjAhWxKX0KHdvFCnQQsAR6BAgGEAE&cshid=1562290903040247&biw=1260&bih=604#imgrc=2Ejy_YdGOTTtxM):

<sup>18</sup> Aqui não irei me deter a aspectos específicos das cosmologias de ambas as religiões, visto que o fiz em trabalhos anteriores (ROSA, 2009 e 2005).

Ao longo dos anos de pesquisa, esta aproximação com o Terreiro Xambá, especificamente, ultrapassou o aspecto profissional, da pesquisa, me trazendo sonhos e revelações que transformaram a maneira de compreender e sentir o mundo e a minha própria identidade. Enquanto mulher lida como branca, filha de pai negro e mãe branca, sou também neta de uma mulher negra e outra indígena, embora não se reconheça etnicamente como tal, cis, bissexual, de origem periférica e pobre, que nasceu no bairro de Casa Amarela, região vizinha ao terreiro. Enfim, ao chegar no terreiro, retornei também às minhas próprias origens. Aprendi que venho também desta tradição, sendo neta de Yansã e também da Jurema, pela parte da minha avó paterna, Eurídice, já falecida, mulher negra filha de Yansã e juremeira que no exercício do seu livre arbítrio, converteu-se evangélica, deixando esta herança espiritual para as netas, minhas duas irmãs mais velhas e eu.

É neste caminho que peço licença e sigo em construção dos “*encuentros con si misma*”, pela construção de espaços, rodas, círculos de mulheres e LGBTQ+ que venho conduzindo nas minhas jornadas *mexicas* como experimentos e cantos intuitivos que elaboram pedagogias e ativismos feministas decoloniais de *Abya Yala*, referenciando esta amefricanidade que também me atravessa. Com o título de “*Encuentro con si misma desde otro lugar: voz, cuerpo y experimentaciones sonoras*”, o mesmo integra o atual projeto “Dos mitos de invisibilização à produção de conhecimento sobre mulheres e música no Brasil: as “*vozes curandeiras*” das *cantautoras, sacerdotisas e xamãs*”<sup>19</sup>, ao qual tenho me debruçado, como aspecto extensionista do mesmo, espaço de interlocução e ativismo feminista na música (ROSA, 2018b).

Estes têm sido círculos sonoros de mulheres, onde trabalhamos voz, corpo e improvisação experimental como co-criação guiada pela intuição e pela liberdade de expressão da voz como essência da nossa alma. São várias vozes que compõem uma grande obra que será resultado desta compilação de encontros e sonoridades que vêm acontecendo no México desde quando aqui aportei, em novembro de 2018.<sup>20</sup> Nestes encontros cantamos também mantras e cantos sagrados, chamados também de cantos-medicina, onde aprendi em cerimônias e rodas

<sup>19</sup> Desenvolvido na William and Mary University (Virgínia, EUA); Diplomado de Estudios Feministas, Seminária Feminismos de Abya Yala da Universidad Autónoma de la Ciudad de Mexico (UACM); Red Napiniaca de Etnomusicologia, Programa de Estudios e Intervención Feministas, Centro de Estudios Superiores de México y Centroamérica - CESMECA /Universidad de Ciencias y Artes de Chiapas e Flotar/Harmonipam Produtora Artística, 2018b.

<sup>20</sup> Já foram realizados alguns encontros na Cidade do México, Xalapa (Vera Cruz), Oaxaca (Oaxaca), San Andrés Cholula (Puebla), San Cristóbal de las Casas (Chiapas) e que teve lugar também em Urubamba, no vale sagrado peruano, em abril de 2019.



de xamanismo no Brasil, México e Peru, bem como, todas dos orixás e pontos cantados da Jurema Sagrada.

**As muxe: despatriarcalizando a heterocisnorma e as estruturas**

*“No me siento mujer, ni tampoco quiero ser mujer, no soy hombre, no soy mujer, soy muxe.”*

Me permito também partilhar como venho sentindo esta experiência de vida em solo mexicano de *Abya Yala*. A mesma vem trazendo importantes interlocuções que têm fortalecido conexões com o contexto dos sagrados feminismos de tradição de matrizes africanas e indígenas marcados pela pluralidade de mulheres, pela diversidade humana que compõe seu arco-iris abençoado por Oxumaré, orixá da cobra e do arco-iris, que representa a união entre masculino e feminino, a integração, a ambigüidade. São cosmologias feministas decoloniais de *Abya Yala*, que, conforme Rita Segato, ironizam, questionam e removem determinações biológicas convencionais e hierárquicas, da sociedade brasileira, desestabilizando o patriarcado e a hierarquia.

Por lo menos dos episodios de seducción homosexual entre las divinidades son narrados –esto sin mencionar aquí las prácticas sexuales y el modo de vida que se apoya en esta mitología. En fin, invocada y aludida en la conversación ordinaria, una innumerable serie de inversiones transforma esa mitología aparentemente convencional y jerárquica en un discurso irónico sobre la sociedad brasileña, donde no apenas la determinación biológica es removida de su lugar usual de soporte de la ideología, sino también el patriarcado y la jerarquía son desestabilizados por las prácticas diarias. Las fundaciones patriarcales de un estado "doméstico" privatizado son también cuestionadas. Una duda fundamental sobre las estructuras de género en que se asienta la moral social dominante es inoculada en el sistema político en su totalidad (cf. Segato, 1995a y 1995b) (SEGATO, 2003, p. 348).

De maneira muito particular, mas em consonância com a abordagem de Rita Segato, em Istmo, encontramos um outro espaço tradicional, de etnia zapoteca, que desafia a cisgeneridade, a heteronorma e o patriarcado, onde as *muxe* são consideradas um terceiro gênero em Oaxaca: *“Ni mujeres, ni hombres, ni trans: los Muxe son el tercer género de Oaxaca.”*<sup>21</sup>

Apasionados por la costura, la cocina, el cuidado, la sensibilidad femenina, pero con las posibilidades físicas del sexo masculino, los Muxe son el “tercer

<sup>21</sup> Disponível em: <https://www.actitudfem.com/entorno/genero/ni-mujeres-ni-hombres-ni-trans-los-muxe-son-el-tercer-genero-de-oaxaca>

género” de Oaxaca. De 75 mil habitantes en Juchitán, 5 mil son orgullosamente muxes, lo que parece lógico en una población que acepta y celebra la existencia de este género. El término Muxe, se cree, proviene de “mujer” en zapoteco, aunque los muxes no son mujeres. Según lo proclaman, aspiran a ser como una mujer pero no se identifican con ellas, no buscan ocupar su lugar, ni catalogarse como transgénero (idem).

Como fica evidente, há uma essencialização da identidade *muxe* neste texto e vários outros que se reportam a elas no masculino, ressaltando essa “sensibilidade feminina” essencializada. Contudo, existe uma diversidade de *muxes*, inclusive aquelas que não se vestem de maneira feminina tradicional oaxaquenha.<sup>22</sup>

Lorena Edith Cruz Vásquez, considera, a partir de suas pesquisas, que as *muxes* integram realmente um terceiro gênero ou “tradição dos espíritos”, para além do gênero binário masculino/feminino, assim como em outras culturas em diferentes partes do mundo, tais quais as *sererr* no Kenya, as *nadle*, na tradição Navajo, EUA, as *hijras* na Índia e as “mulheres tubarão” nas Ilhas Marquesas.<sup>23</sup>

En el Istmo de Tehuantepec, Oaxaca, México, se encuentra una sociedad que popularmente ha sido etiquetada como “Juchitán de las locas”, “Juchitán, the Queer Paradise” o “el paraíso gay” (Islas, 2015: min. 4:40-5:00; Flores Martos, 2012: 322). Esto es así en el entendido de que en este lugar la dinámica social ha generado un *sistema sexual/genérico no binario*, en donde hay al menos tres géneros conocidos, reconocidos y socialmente diferenciados; de modo que el *ser mujer, hombre o muxe* conlleva una serie de características y atribuciones definidas que contrastan con el ordenamiento occidental de la diferencia sexual basado en la dupla masculino/femenino.

De acordo com a autora,

La palabra *muxe* (de la voz latina *mullier*, que significa mujer) es utilizada

<sup>22</sup> Neste mesmo texto se destaca ainda o fato de que muitos jovens são iniciados sexualmente pelas *muxes*, o que não é visto como um problema para a cultura local, contudo, as mesmas não são consideradas “boas” para casar: “En la película creada por Iván Olita, que retrata la vida cotidiana de 16 muxes, se explica que en zapoteco antiguo no se hacía distinción entre él o ella. Tan cierta es la apología que respalda la creación de los muxes como que ahora sean una figura que encaja perfectamente dentro de la comunidad matriarcal de Juchitán. Hay quienes aseguran que en cada familia existe un muxe y que uno de cada dos jóvenes zapotecas ha sido iniciado en la vida sexual por uno de ellos. Por más aceptada y antigua que ha sido su existencia, los muxes sufren discriminación tanto de mujeres zapotecas, como de autoridades locales. “(ibidem).

<sup>23</sup> “La existencia de los *muxes*, aunque parezca novedosa, no es única en el mundo. Como muestra no rigurosa basta pensar en los *sererr*, en Kenya (...); en los *nadle*, hombres o mujeres que asumen tareas y comportamientos relacionados con el género femenino (...) en la comunidad de los navajo, en Estados Unidos; también están los *hijra*, en la India, una categoría asignada a hombres impotentes que asumen roles femeninos y que gozan de un reconocimiento con base en poderes religiosos que les son atribuidos; o las “mujeres tiburón”, en las islas Marquesas, quienes asumen una sexualidad heterosexual agresiva, cualidad atribuida, en esta sociedad, al género masculino.” (CRUZ VÁSQUEZ, 2017. p. 4)

para referirse a una persona originaria de la región del Istmo de Tehuantepec, en el estado de Oaxaca, México, que, biológicamente, ostenta las características de un hombre, y que ejerce un amplio abanico de prácticas “homosexuales”. (2017, p. 1)<sup>24</sup>

A autora Alejandra Elizabeth Urbiola Solís cita a fala de uma *muxe*, descrita anonimamente como “Informante I”, em que a mesma ressalta a questão da língua como importante agenda étnica zapoteca para a identidade *muxe* que não se considera gay, travesti ou transsexual, ainda que reconheçam que suas identidades sejam transgêneras.

Por la defensa de nuestra lengua, nosotras no nos ponemos otro nombre (gay, travesti, transexual), al decir *muxe*’ va implicado todo, sabemos que es transgénero. Nosotras somos *muxe*’ y hemos trabajado mucho para que el término no sea peyorativo. No me siento mujer, ni tampoco quiero ser mujer, no soy hombre, no soy mujer, soy *muxe*’”. (Informante I). (URBIOLA SOLÍS et alli, 2017, 516-7)

Lorena Edith Cruz Vásquez afirma que, em termos cosmológicos, a lenda de São Vicente Ferrer, é uma importante referência para as *muxe*. De acordo com a mesma, o santo teria levado um saco de “putos” (*muxes*) passando por vários lugares da América Latina, e que o mesmo havia se rompido em Juchitán, Oaxaca.<sup>25</sup> Tal lenda de um lado, legitima a presença e aceitação das *muxe* por suas famílias e pela comunidade, por outro, não as protege das vulnerabilidades as quais as pessoas trans estão sujeitas como a violência e o preconceito.

No impactante artigo “En Oaxaca, el paraíso *muxe* no existe”<sup>26</sup>, são relatados casos de crimes por violência de gênero e transfobia com marcas de extrema violência contras as *muxes*. O jornal narra desde casos antigos a outros mais recentes que, quando registrados, constam como crimes passionais e não como crimes de gênero. Um destes casos foi o caso da *muxe* assassinada pelo próprio pai e irmãos, em 1938 que foi narrado muitos anos depois, numa

<sup>24</sup> “En la población zapoteca del istmo de Tehuantepec, Juchitán, Oaxaca, se les llama *muxes* a las personas nacidas con sexo masculino que asumen roles femeninos en los ámbitos social, sexual y personal.”(...) “Esta condición los ubica en términos de: travestis, mujeres transgénero y transexuales. El término *muxe* viene de la palabra española “mujer”, derivación fonética que los zapotecas empezaron a usar en el siglo XVI.” Disponível em: <https://www.uv.mx/prensa/general/soy-la-primera-muxe-en-obtener-un-titulo-profesional-amaranta-gomez/>

<sup>25</sup> “A nivel comunitario, además, existe una leyenda que legitima la existencia de los *muxes* en Juchitán. Según ésta, “en su peregrinaje del sur al norte de América, Vicente Ferrer, santo patrono de Juchitán, llevaba en la espalda un saco lleno de ‘putos’. En Colombia, América Central y Guatemala dejó a uno en cada lugar, pero en Juchitán se le rompió el saco y todos cayeron de una vez. Por eso, dicen, hay tantos aquí””. (en Bennholdt-Thomsen, 1997, p. 279 apud CRUZ VÁSQUEZ, 2017. p. 9)

<sup>26</sup> Editorial do jornal El Universal, de 17 de fevereiro de 2019. Disponível em: <https://www.eluniversal.com.mx/estados/en-oaxaca-el-paraiso-muxe-no-existe>

entrevista por uma de suas irmãs.

Juchitán – corria el año de 1938, Juchitán era un pueblo polvoso, regido por una justicia de “ojo por ojo” y “por propia mano”, un machismo recalcitrante, una comunidad zapoteca en donde la homosexualidad era cosa privada. En esse ambiente vivió Manuel Vasquez, quien fue asesinado por su propio padre y hermanos. (...) Él era un criminal para sus verdugos de sangre, no había perdón: era muxe.<sup>27</sup>

São várias as controvérsias a respeito da identidade *muxe*, pois, se de um lado elas são consideradas como uma benção para a família, ainda que com ressalvas dos pais, o que pode gerar muita violência, como na citação anterior, de outro lado, quando vivas e acolhidas por seu núcleo, existe um encargo social onde as mesmas estão destinadas a cuidar dos pais e não constituírem suas próprias famílias.

Finalmente, hay tres aspectos particulares del rol que juegan y cómo asimilan el mismo los individuos que se auto-adscriben como *muxes*. En primer lugar, un dato importante para entender su aceptación comunitaria tiene que ver con que éstos, por lo regular, no mantienen relaciones erótico afectivas estables, más bien, cuando hay un hijo *muxe* en un hogar istmeño, se da por sentado que será quien cuide a los padres cuando éstos lleguen a la vejez. Esta razón, pragmática sin duda, es por la cual muchas madres cuando ven que uno de sus hijos tiene *disposiciones femeninas*, lo animan para que continúe su trayectoria en aras de convertirse en *muxe*; mientras tanto, los padres, por lo general más reservados y menos receptivos a tener a un *muxe* en la familia, tardan en aceptarlos, pero finalmente ceden, pues, en última instancia, la institución familiar (el “apellido”) pesa más que la orientación genérica y sexual de *su pariente*, y porque saben que éste será “buen trabajador” (“como una mujer”) y lo cuidará en la vejez. (CRUZ VÁSQUEZ, 2017. p. 6)

Ainda sobre a questão da discriminação também no Mercado de trabalho, que pode ser encarada como transfobia,

A pesar de encontrar mayor apertura en Juchitán, se encontró que la tolerancia hacia las expresiones de diversidad sexual es limitada y que existe discriminación laboral que puede variar según la performatividad de género que adopte el/la muxe'. (...) Es quizás este grupo de mujeres muxe' las más discriminadas ya que no hay políticas públicas que las apoyen para un reconocimiento legal como mujeres ni son objeto de los beneficios de programas públicos para mujeres indígenas. (URBIOLA SOLÍS et alli, 2017, 519)

<sup>27</sup> Ibidem.

Por outro lado, temos sinais de transformação, como o caso da ativista Amaranta Gómez<sup>28</sup>, a primeira *muxe* a receber título universitário, defendendo sua tese em antropologia social, cujo tema foi “*Guendaranaxhii*:<sup>29</sup> la comunidad muxe del istmo de Tehuantepec y las relaciones erótico afectivas”. Em entrevista publicada, a ativista destaca a importância de se ampliar oportunidades de trabalho e estudos para as *muxes* e pessoas transgêneras de modo geral no contexto mexicano.<sup>30</sup>

Até aqui na jornada mexicana tive a oportunidade de conhecer apenas uma *muxi*, costureira que estava expondo suas roupas no Mercado 20 de novembro, no Centro de Oaxaca. Conversamos muito rapidamente sobre suas roupas e a tradição de sua região, ela estava muito bem arrumada e maquiada como nas fotografias e documentários que já vi sobre as *muxes* em geral, por outro lado, não tinha um ponto de venda, estava vendendo, sozinha e aparentemente isolada das demais mulheres, as roupas num grande saco no chão do corredor do mercado. Aquela imagem permaneceu como reflexo de certo isolamento social refletindo a transfobia nas relações de classe e de trabalho, embora este seja apenas um olhar estrangeiro superficial de um evento específico.

Retornei à Oaxaca outras vezes e nunca mais a encontrei. Segue o desejo de aproximar-me mais deste universo tão rico, colorido e complexo das *muxes*, que, assim como as referências das matrizes africanas e da jurema sagrada, desafiam e despatriarcalizam as estruturas da heterocisnormatividade e do sexismo pela cultura popular e o catolicismo popular tradicional. Com o coletivo “Auténticas Intrépidas Buscadoras de Peligro”, as *muxes* se tornaram articuladoras culturais e protagonistas da cultura zapoteca de Istmo, a partir da realização da Vela, que acontece há mais de quarenta anos e consiste na versão *muxe* das tradicionais Velas, celebração dedicada aos santos padroeiros da região, o que gerou visibilidade internacional para a região, sobretudo da comunidade LBGT+.<sup>31</sup>

<sup>28</sup> Disponível em: <https://www.uv.mx/prensa/general/soy-la-primera-muxe-en-obtener-un-titulo-profesional-amaranta-gomez/>

<sup>29</sup> (...) “*guendaranaxhii* son palabras separadas: guenda, que significa don o virtud; y ranaxhii, que significa amar o querer a una persona o animal.” (ibidem).

<sup>30</sup> “En este contexto, consideró que en México deben ampliarse las oportunidades de desarrollo para las personas transgénero, en donde no solamente el trabajo sexual o el estilismo sean los únicos destinos posibles, sino también la opción de estudiar una carrera y ser profesionista.” (Ibidem).

<sup>31</sup> Disponível em: <https://www.eluniversal.com.mx/estados/muxes-celebran-primera-fiesta-de-la-vela-despues-del-terremoto-en-juchitan>

## Clán de las Libélulas (Puebla), plantas e cantos de poder

“A las medicinas las gracias les damos,  
las gracias les damos...”

Canto medicina

Retomando para minha jornada à Puebla, estou a caminho do Clã de las Libélulas, grupo que realiza cerimônias e atividades comunitárias em San Andrés Cholula (Puebla) para participar das festividades de 5 anos de existência do grupo, com um Temazcal<sup>32</sup>, tipo de sauna tradicional pré-hispânica, considerada o ventre da mãe terra, espaço de limpeza e sanção dos corpos com ervas e cantos de cura, seguida de uma cerimônia com *peyote*, planta considerada sagrada e de poder pelo povo *wixárika*, endêmica do deserto mexicano (San Luís Potosí). A experiência de comungar do *peyote* possui o mesmo propósito de cura presente na jurema e nos trabalhos com *ahyuasca*, do Santo Daime, que frequento desde 2017. Todas são chamadas de “plantas de poder” por serem ao mesmo tempo medicinais e sagradas<sup>33</sup>, visto que cerimônias e trabalhos espirituais em “corrente” ou seja, coletivamente, são realizados com elas no intuito de emanar luz e amor para todos os seres e acessar mundos astrais de luz que nos mostram preciosos caminhos de cura, autoconhecimento e de amor a serem percorridos.

Uma das principais interlocutoras que me convidou ao Clã foi Ixchel Castro, atriz e mulher medicina que conheci em Salvador, pouco antes de mudar para o México. Com esta conexão, as/os integrantes do Clã aceitaram participar de uma roda de conversa sobre música sagrada, criação musical e o protagonismo das mulheres nos cantos medicinas e em suas vidas.

<sup>32</sup> “En Mesoamérica, desde tiempos antiguos, el temazcal, “baño de vapor”, ha desempeñado un papel importante en la vida social y religiosa. El *temazcalli* (del náhuatl: *tema*, “vapor”, y *calli*, “casa”) puede definirse como “casa de baño de vapor”. (...) El temazcal representaba el interior de la Tierra y era un lugar de tránsito entre el mundo de los vivos y el inframundo. Se le concebía como la entrada al “más allá”. La ubicación de algunos ejemplares arqueológicos al poniente del juego de pelota quizá represente el punto en que cuerpos celestes como Venus, el Sol y la Luna descendían hacia la región subterránea, viajando por el inframundo -simbolizado por el juego de pelota-, para aparecer nuevamente por el oriente. Este fenómeno, ligado a los ciclos terrestres, estaba íntimamente relacionado con el culto a la fertilidad.” Disponível em: <https://arqueologiamexicana.mx/mexico-antiguo/el-temazcal-el-bano-de-vapor-prehispanico>

<sup>33</sup> “Lo primero que hay que entender es que el peyote no es una “droga” en el sentido en que el LSD o el MDMA lo son: no fue fabricada en un laboratorio con el objetivo de producir efectos alucinógenos en el organismo; en el mismo sentido, no se ha demostrado que su consumo provoque adicción ni daños en el organismo a largo plazo. Por el contrario, los huicholes (una de las pocas naciones indígenas mexicanas con autorización para consumirlo y transportarlo) lo equiparan a un dios a quien llaman Hikuri, el venado azul, de cuya carne extraen medicina para el cuerpo y el espíritu. Existe evidencia de que el peyote ha sido utilizado por grupos humanos desde hace casi 6 mil años... Disponível em: <https://pijamasurf.com/2016/08/peyote-que-es-para-que-sirve-y-cuales-son-sus-efectos/>

Os cantos medicinais são assim reconhecidos tanto pelo teor das letras - quando existem, como pela instrumentação que em geral é acústica, como maracás, tambores em geral ou o tambor “xamânico”, flautas e violão. Quando presentes, as letras falam sobre cura, espiritualidade, xamanismo, os elementos (fogo, terra, ar, água, éter), seres divinos e as “medicinas”, como são nomeadas as plantas de poder. No universo xamânico os cantos medicinais são também chamados de *ícaros*, cantos sagrados/melodias “recebidas” espiritualmente pelo/a xamã das plantas e animais sagrados para curar.<sup>34</sup>

Posso seguramente afirmar que estou no México graças à jornada sagrada da jurema, do candomblé e mais, recentemente do Daime. Foi numa festa de jurema, em 2006, que comunguei desta bebida sagrada pela primeira vez. A bebida sagrada jurema pode ser considerada semelhante à ahyuasca, chá sagrado também chamado de vegetal, chá ou daime, conforme a linha religiosa da União do Vegetal, onde primeiro comunguei do “vegetal sagrado” em 2012, da Barquinha ou do Santo Daime. Ahyuasca é Kapí para os povos indígenas do Alto Rio Negro, mais especificamente, os Tukano, conforme abordado por Ricardo Berwanger Franco de Sá (2018) ao abordar “a música e os planos do universo dos índios tukano”.

(...) a música advém de diversos planos do universo, dos seres que neles habitam. Recebidas pelos *yaiwa*, *bayaróá* e *kumuã*, essa música interdimensional é executada para cura de doenças específicas – como nas curas com maracá e canto -, para cura social – como as músicas tocadas e dançadas em *dabacuri* -, para a continuidade da comunicação com os *Õ’ãmarã* – quando os sábios voltam a comunicar-se com os deuses -, para as roças crescerem ou para a comunicação com animais. Assim, em grande parte o modo de viver ou a vida social estão imbuídos de mensagens sonoro-musicais advindas de planos e seres metafísicos, sendo a música um dos aspectos (por não ser o único há também a reza, as plantas medicinais, os rituais, as cerimônias) que apontam para um modo de vida voltado para a espiritualidade. (FRANCO DE SÁ, 2018, p. 56).

A ahyuasca é milenarmente utilizada pelos povos indígenas com o propósito de sanar todos os corpos (espiritual, energético, psicológico e físico) e acessar os diversos planos espirituais, recebendo mensagens sagradas dos diversos seres encantados que neles habitam e também, das entidades espirituais que vivem nas florestas, nas matas e no reino do juremá, além daquelas desencarnadas que “retornam” para trabalhar espiritualmente, auxiliando suas filhas e filhos espirituais, como parte de seu caminho espiritual evolutivo. E nesta jornada medicinais emergem novos cantos, de outra maneira, reformulando a minha parte compositora e a minha

<sup>34</sup> Disponível em: <http://www.xamanismo.com/aliado%20do%20poder/icaro-canto-dos-xamas-vegetalistas/>

relação com a música, que tem se refletido tanto nos meus processos composicionais desta residência artística, como também nos *encuentros con si misma*. Saindo da perspectiva do experimental racional para o intuitivo do corpo e do coração, retomando os passos de Suzanne Cusick (1994) ao propor novos modos de pensar teoria musical, saindo do discurso da “mente/razão” para o “corpo” e o “desejo”. Acrescento aqui a intuição e a “guiança”<sup>35</sup> como mestras neste caminho. Não é mais pensar apenas, senão permitir-se igualmente sentir. Sentir e pensar estão integrados no corpo sonoro, no fazer musical.

### *Jurema, a estrela do amor*

*“Pensavam que iam nos enterrar, mas não sabiam que éramos sementes.”*

*#mariellepresente*

São muitos os relatos e registros de racismo institucional e violência de gênero, como o caso do assassinato da vereadora negra feminista lésbica e ativista dos direitos humanos, Marielle Franco, em 2018, amplamente divulgado pelas redes sociais e imprensa internacional que até hoje permanece sem uma resposta, embora todas as evidências caminham para um silenciamento político. Além deste extermínio brutal, na atual conjuntura política brasileira temos perdido espaços extremamente representativos como as Secretarias de Políticas da Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR, 2003-2015) e de Políticas para a Mulher (SPM, 2003-2015), dos governos de Lula e Dilma Roussef. Ambas foram extintas e unificadas em conformações generalistas de políticas dos direitos humanos, com menos recursos e, conseqüentemente, ações como o Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos (MMIRDH) (2015-2016), que depois suprimiu as mulheres e a igualdade racial e passou apenas a se chamar Ministério dos Direitos Humanos (2017), no governo de Michel Temer. A mesma foi rebatizada pelo atual governo de Jair Bolsonaro como Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, incluindo as políticas indígenas da Funai, que pertencia ao Ministério de Justiça e é liderada pela educadora, pastora evangélica e advogada Damares Alves, que defendeu o retorno à tradição de “menino vestir azul e menina vestir rosa”

<sup>35</sup> Em outro momento escrevi sobre “guiança” numa perspectiva feminista interseccional do sagrado feminino (ROSA, 2018c).



como sinal do princípio de uma “nova era”, em declarada perseguição e acusação de “ideologia de gênero”, que supostamente deveria ser “sanada.”<sup>36</sup>

Sem tocar na questão delicada de termos uma pessoa sem nenhuma trajetória ou diálogo em relação às questões indígenas liderando este setor que, depois de mais de 500 anos de colonização, continua precarizado. Os povos originários indígenas seguem invisibilizados, estigmatizados e atacados pelo capitalismo neoliberal, pelo racismo e pelo epistemicídio, ou seja, a tentativa e extermínio, de fato, de saberes e protagonistas destes saberes...

Enfim, o que tudo isso representa? Iniciativas renovadas destas violências que demarcam o racismo, o sexismo, o epistemicídio e as LGBT+fobias, pois, diferentemente de outros contextos religiosos, as religiões de matrizes africanas e afro-indígenas são inclusivas, ou seja, não discriminam as pessoas que são adeptas à religião por sua orientação sexual (que diz respeito à afetividade) ou identidade de gênero (a identidade da pessoa), que são coisas bem diferentes. Esta certamente é uma das questões que mais incomodam destes contextos religiosos e culturais ancestrais para quem desconhece sua riqueza e seu histórico de enfrentamentos. Por isso, a importância de compreendermos a rica diversidade cultural e política brasileira presente nas religiões de matrizes africanas e afro-indígenas, em prol do respeito à nossa rica diversidade humana que desafia os binarismos de gênero, como o caso das *muxe* de Oaxaca.

Não somos nem precisamos ser ou pensar igual, mas temos direitos iguais ao respeito e ao bem viver, como pregou a Marcha das Mulheres Negras, em 2015 e, neste ano de 2019, está prevista a 1ª Marcha das Mulheres Indígenas, com o tema “Território: nosso corpo, nosso espírito.”<sup>37</sup> Neste sentido, as religiões de matrizes africanas e indígenas, como a jurema, são inclusivas, ou seja, não discriminam por orientação sexual, identidade de gênero ou racial. Protagonizada historicamente por mulheres negras e afro-indígenas subalternizadas pelo racismo e pelo sexismo, como a minha avó Eurídice. O sagrado é espaço onde também se encontram pessoas LGBT+, muitas delas assumindo cargos altos na hierarquia dos terreiros como Iyalorixás e Babalorixás, por exemplo.

<sup>36</sup> Declarada publicamente pela Ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, Damarens Alves, que também é pastora evangélica. <https://www.youtube.com/watch?v=6myjru-e81U>

<sup>37</sup> “Via Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib). De 09 a 13 de agosto acontece, em Brasília, a Marcha das Mulheres Indígenas, que reunirá 2 mil mulheres dos mais diferentes povos, de todo o Brasil. A realização do encontro foi deliberada durante a plenária das mulheres no ATL em abril de 2019. Desde então lideranças de todas as regiões do país iniciaram o processo de mobilização das mulheres e a captação de recursos para a realização do encontro.” Disponível em: <https://jornalistaslivres.org/vem-ai-a-primeira-marcha-das-mulheres-indigenas/>

A jurema sagrada também acolhe adeptas de outras identidades, como é o meu caso, de mulher mestiça lida como branca na nossa sociedade racista. Salve a jurema sagrada e os sagrados feminismos da jurema, do candomblé e também das *muxes* zapotecas ancestrais, com toda sua amplitude ancestral de feminino que tanto nos ensina e guia.

*Jurema, estrela do amor*

*(ponto de jurema)*

*Com seu vestido de branco,*

*Com flores no coração*

*Tinha perfume de rosas*

*E me lembrava a minha índia (da minha linda).*

*Ele cantava e dizia pra mim:*

*Nós somos flores do mesmo jardim.*

*Eu entendi o segredo,*

*E percebi quem eu sou*

*Junto com seres divinos*

*Um anjo de branco me iluminou.*

*Ele cantava e dizia pra mim:*

*Nós somos flores do mesmo jardim.*

*Louvando a Deus*

*Com meus pés no chão*

*Viva Jurema no meu coração.*

*Louvando a Deus*

*Por este primor,*

*Viva Jurema, a estrela do amor.*

*E que construamos dias melhores desde o amor...*

*Axé! Saravá! Haux! Haux! Namastê!*

## Referências

- BÁIRROS, Luiza. “Nossos feminismos revisitados”. In: *Revista Estudos Feministas*. Vol. 3, No 2, 1995. Pp. 458-463.
- BENTO, Berenice. *Brasil: país do transfeminicídio*. [São Paulo, 2014]. Disponível em: <[http://www.clam.org.br/uploads/arquivo/Transfeminicidio\\_Berenice\\_Bento.pdf](http://www.clam.org.br/uploads/arquivo/Transfeminicidio_Berenice_Bento.pdf)>. Acesso em: 2015.
- BERLANGA GAYÓN, Mariana. *Una Mirada al feminicidio*. Universidad Autónoma de la Ciudad de México: Editorial Itaca, 2018.
- CABNAL, Lorena. *Feminismos diversos: el feminismo comunitario*. ACSUR-Las Segovias, Asociación para la cooperación con el Sur, 2010. Disponível em: <https://porunavidavivible.files.wordpress.com/2012/09/feminismos-comunitario-lorena-cabnal.pdf>
- CARNEIRO, Sueli. “Identidade feminina.” In: *Mulher Brasileira é assim*. SAFFIOTI, Heleith; MUÑOZ-VARGAS, Monica (orgs.) . Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994. Pp. 187-194.
- CUSICK, Suzanne. “Feminist Theory, Music Theory, and the Mind/ Body Problem.” In: *Perspectives of New Music*. Vol. 32, No. 1 (Winter), 1994. pp. 8-27. Disponível em: [www.jstor.org/stable/833149](http://www.jstor.org/stable/833149) .
- FRANCO DE SÁ, Ricardo Berwanger Franco de. *Uró Bahsamori Bayaroti Wepo: uma voz musical que soava quando não existia nada – a música e os planos do universo dos índios Tukano*. Curitiba: Appris, 2018.
- GARGALLO CELENTANI, Francesca. *Feminismos desde Abya Yala: ideas y proposiciones de las mujeres de 607 pueblos en nuestra América*. Bogotá: Ediciones desde Abajo, 2012.
- GONZALEZ, Lélia. *A categoria político-cultural de amefricanidade*. In: *Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, No. 92/93 (jan./jun.). 1988b, p. 69-82.
- Jurema Sagrada. Revista Senso. JUNHO / JULHO N° 11 - ANO 2019.** Disponível em: [https://revistasenso.com.br/edicao-11-jurema-sagrada/?fbclid=IwAR3Rj81-cG7u5rkHgHLcA8oDi3zdC4-akI\\_kkmytV3dar6eSemBWiEDZ3qE](https://revistasenso.com.br/edicao-11-jurema-sagrada/?fbclid=IwAR3Rj81-cG7u5rkHgHLcA8oDi3zdC4-akI_kkmytV3dar6eSemBWiEDZ3qE)
- LAGARDE, M. Por la vida y la libertad de las mujeres, fin del Feminicidio. *Cimac Noticias, Cidade do México, fev.* 2004. Disponível em: <<http://www.cimacnoticias.com/especiales/comision/diavlagarde.htm>>.
- MOREIRA, Talitha Couto. *Música, Materialidade e Relações de Gênero: Categorias Transbordantes*. Dissertação de mestrado em música - etnomusicologia. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.
- MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (org.). *As Senhoras do Pássaro da Noite: Escritos*. Vol. 02, N. 03, Jul. - Set., 2019 · [www.revistas.unilab.edu.br/index.php/rebeh](http://www.revistas.unilab.edu.br/index.php/rebeh)

sobre a Religião dos Orixás V. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Axis Mundi, 1994.

ROSA, Laila. “Salve Jacira, protetora da jurema: caminhos sagrados dos feminismos”. In: Dossiê Religião e mulheres: nossos passos vêm de longe, nossas resistências também. Revista Senso. Edição Edição 10, Mar/Abr, ano 2019. Disponível em <https://revistasenso.com.br/2019/03/28/salve-jacira-protetora-da-jurema-caminhos-sagrados-dos-feminismos/>

\_\_\_\_\_. Poéticas sonoras de dissidências e reXistências.: os (trans)feminicídios e racismos epistêmicos e musicais no Brasil. CADERNOS DO GIPE-CIT (UFBA), v.22, p.7 - 33, 2018a. Disponível em: [www.ppgac.tea.ufba.br](http://www.ppgac.tea.ufba.br)

\_\_\_\_\_. “Dos mitos de invisibilização à produção de conhecimento sobre mulheres e música no Brasil: as “vozes curandeiras” das cantautoras, sacerdotisas e xamãs”. Projeto de pós-doutorado e residência artística. William and Mary University (Virgínia, EUA), Diplomado de Estudios Feministas, Seminária Feminismos de Abya Yala da Universidad Autónoma de la Ciudad de Mexico (UACM), Red Napiniaca de Etnomusicologia, Programa de Estudios e Intervención Feministas, Centro de Estudios Superiores de México y Centroamérica - CESMECA /Universidad de Ciencias y Artes de Chiapas e Flotar/Harmonipam Produtora Artística, 2018b.

\_\_\_\_\_. Das epistemologias feministas decoloniais ao sagrado feminino em música no Brasil. In: María Luisa de la Garza Chávez; Carlos Bonfim (Orgs.). *La música y los mitos. Investigaciones etnomusicológicas*. Tuxtla Gutiérrez (México) e Salvador (Brasil): UNICACH (Chiapas) e UFBA (Bahia), 2018c. Pp. 303-326.

\_\_\_\_\_. Música e violência: narrativas do divino e feminicídio. In: *Violência de gênero contra mulheres: suas diferentes faces e estratégias de enfrentamento e monitoramento*. Cecília M. B. Sardenberg; Márcia S. Tavares (Orgs.). Coleção Baianas, NEIM. Salvador: EDUFBA, 2016. p.293-326.

\_\_\_\_\_. *As juremeiras da nação Xambá (Olinda, PE): músicas, performances, representações de feminino e relações de gênero na jurema sagrada*. Tese de (Doutorado em música – Etnomusicologia). Salvador: Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

SARDENBERG, Cecília M. B.; TAVARES Márcia S. (Orgs.). *Violência de gênero contra mulheres: suas diferentes faces e estratégias de enfrentamento e monitoramento*. Coleção Baianas, NEIM. Salvador: EDUFBA, 2016.

SEGATO, Rita Laura. *La Guerra contras las Mujeres*. Madrid: Traficante de Sueños, 2016.

\_\_\_\_\_. *Género, política e hibridismo en la transnacionalización de la cultura Yoruba*. In: *Revista Estudos Afro-Asiáticos, Ano 25, nº 2, 2003, pp. 333-363* Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/eaal/v25n2/a06v25n2.pdf>

THEODORO, Helena. “Mito e espiritualidade: mulheres negras”. Rio de Janeiro: Pallas, 1996.

VERGUEIRO, Viviane. *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade*. 2016.



Dissertação (mestrado) – Salvador: Universidade Federal da Bahia Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, 2016.



**Recebido em:** 13/08/2019

**Aceito em:** 15/12/2019